

## O QUE DESEJA EDGAR FRANCO?

Wellington Lima Amorim<sup>1</sup>

I – Nesta proposição interrogativa abriga um desejo. E quem deseja... quer algo. Logo, qual o desejo que se esconde por detrás deste artista transmidiático?



Figura 1 – Ciberpajé (a.k.a. Edgar Franco) fotografado por Anésio neto.

---

<sup>1</sup> Prof. Dr. em Ciências Humanas. Universidade Federal do Maranhão. E-mail: [wellington.amorim@gmail.com](mailto:wellington.amorim@gmail.com)

**II** – Penso que esta persona, máscara assumida de um querer ou o desejo, tem por objetivo incitar o cultivo de nosso húmus, em oposição à domesticação dos corpos. Marcadamente pornográfica, sua obra quer nos conduzir novamente a natureza em si. E ser reconduzido ao nosso jardim originário. O que há de mais fundamental na natureza é nos colocar diante do horror e do pecado, de nossa parte demoníaca e imunda e aceitá-la como parte integrante da vida.



Figura 2 – Larissa César de Almeida fotografado por Luiz Fers durante as filmagens do videoclipe “Amálgama Sagrado”, do Posthuman Tantra (banda do Ciberpajé).

**III** – Sempre me lembro do mito de Siegfried, imortalizado na obra de Richard Wagner, quando realizo o esforço de reflexão sobre a obra de Edgar Franco. É comum pensarmos que a vida se opõe à morte. Que tudo que há de belo, bom e justo está em oposição ao horror, o mau e a injustiça. No entanto, a vida anda ao lado da morte. Em uma relação amorosa e inconteste, existe uma atração incestuosa entre a vida e a morte, o horror e o belo, o sádico e o masoquista.



Figura 3 – O Ciberpajé e a modelo Taynara Silva fotografados por Anésio Neto.



**IV** - Certa vez, Carl Jung sonhou que junto com um homem de raça negra matava Siegfried. Ele chegou à conclusão de que este sonho indicava que ele deveria matar o herói que existia dentro dele, deveria ocorrer o aniquilamento de seu ego, subjetividade ou o que constituía sua individualidade. E somente o sexo, em especial o sadomasoquista, que através do aniquilamento e humilhação do indivíduo, seria possível nascer o novo. Para Jung a desrepressão sexual, diferentemente de Freud, o instinto de vida e de morte estariam em complementariedade e nos levaria a transvalorar os nossos valores, para usar uma expressão de Nietzsche. Isto se dá porque existia em Jung uma atração pelo o que é imundo, sujo, mortífero, um desejo de retorno ao que é considerado infernal para muitos. Freud colocava Jung ao lado dos necrófilos, segundo Erich From. No entanto, Jung também era um biófilo, um amante da vida. Ele concordou com Spinoza: *“Toda coisa, na medida em que existe em si, esforça-se por perseverar no seu ser”*, afirmando de que este esforço era a própria essência do que estava em jogo em nossa existência. E ainda, ele cita Spinoza novamente ao dizer que *“o prazer em si mesmo, não é mau, mas bom; ao contrário, a dor, em si mesma, é má”*. Eis o caráter ambivalente da personalidade de Carl Jung. O retorno à natureza em si mesma, somente será possível quando assumirmos a vida em sua absoluta complementariedade, vida e morte, sagrado e profano, belo e horror. Edgar Franco em sua obra transmidiática busca dar conta deste duplo aspecto da substância que chamamos de natureza.



Figura 4 – Arte do Ciberpajé, capa de “Gothic Kama Sutra”(AlphaIII & Posthuman Tantra).

V – Segundo Agamben, na Biblioteca de Alexandria existe uma Bíblia hebraica do século XIII com uma iluminura da visão de Ezequiel particularmente interessante. Os justos não são representados com feições humanas, mas de animais. O que isto quer dizer? O artista do século XIII deseja mostrar que no ultimo dia a relação entre os homens e os animais serão reconfigurados em uma nova forma, onde o homem se reconciliará com a sua parte considerada mais horrível, mundana, profana, pornográfica, a sua natureza animal. Edgar Franco e sua arte transmidiática busca representar esta reconciliação que se dará em uma pós-humanidade tecnocientífica. Eis a grande fusão cósmica:

“E cada um tinha quatro rostos, como também cada um deles quatro asas. E os seus pés eram pés direitos; e as plantas dos seus pés como a planta do pé de uma bezerra, e luziam como a cor de cobre polido. E tinham mãos de homem debaixo das suas asas, aos quatro lados; e assim todos quatro tinham seus rostos e suas asas. Uniam-se as suas asas uma à outra; não se viravam quando andavam, e cada qual andava continuamente em frente. E a semelhança dos seus rostos era como o rosto de homem; e do lado direito todos os quatro tinham rosto de leão, e do lado esquerdo todos os quatro tinham rosto de boi; e também tinham rosto de águia todos os quatro. Assim eram os seus rostos. As suas asas estavam estendidas por cima; cada qual tinha duas asas juntas uma à outra, e duas cobriam os corpos deles. E cada qual andava para adiante de si; para onde o espírito havia de ir, iam; não se viravam quando andavam. E, quanto à semelhança dos seres viventes, o seu aspecto era como ardentes brasas de fogo, com uma aparência de lâmpadas; o fogo subia e descia por entre os seres viventes, e o fogo resplandecia, e do fogo saíam relâmpagos; E os seres viventes corriam, e voltavam, à semelhança de um clarão de relâmpago”. (Ezequiel).

O novo homem se dará pela perspectiva do homem e do animal.



Figura 5 - Página da HQ “ Duo de Um”, com arte e roteiro do Ciberpajé.



**VI** – Esta recondução ao estado de natureza, sem a carga moralista de um Rousseau ou Hobbes, somente é possível com o aniquilamento do indivíduo. Edgar Franco, na persona do Ciberpajé, busca representar este aniquilamento para que ocorra a fusão entre o homem e o animal, estendendo uma corda neste aberto sem fundo, em que se está atualmente, até o porvir. O Ciberpajé, na sua representação tecno-científica, deseja transpor o homem domesticado para um novo ser cultivado. Um retorno ao seu Húmus originário. Seu projeto é transfigurar, elevar-se para além de si mesmo. Sua persona é profetizar a desconstrução para trilhar o caminho da criação.



Figura 6 – Ciberpajé fotografado por Gabriel Tino.

**VII** – O que quer Edgar Franco? O que todo mundo quer... fim da história... desaparecimento do homem, pós-história, pós-humanidade. O fim da Filosofia é o renascimento da Arte e o retorno da animalidade, da expressão do riso trágico, erótico e pornográfico, da risada longa e serena diante da morte:

“Se o homem volta a ser animal, também as suas artes, os seus amores e os seus jogos deverão se tornar puramente “naturais”. Deveríamos admitir, portanto, que, após o fim da História, os homens construirão seus edifícios e suas obras de Arte como os pássaros constroem seus ninhos e as aranhas tecem suas teias, que acompanharão concertos musicais assim como fazem as rãs e as cigarras, e brincarão como brincam os filhotes e farão amor como os animais adultos. Mas não se poderia dizer, então, que tudo isso “torna o Homem feliz”. Seria possível dizer que os animais pós-históricos da espécie Homo sapiens (que viverão na abundância e em plena segurança) estarão contentes em função de seu comportamento artístico, erótico e lúdico, visto que, por definição, se satisfarão”. (Kojève).



Figura 7 – Ciberpajé fotografado por Diogo Vilela.



**VIII** – Este aniquilamento do indivíduo e o retorno à animalidade, pós-humanidade, pós-história, é em si, o desejo de retorno ao paraíso, jardim encantado em que fomos expulsos por termos adquirindo consciência. E por isso, a consciência no Homem é a doença mortal do animal, como diria Kojève. Retornar ao paraíso é nas palavras de Guilherme de Paris: *“O que é este Paraíso, senão a taberna de uma farrá incessante e o prostíbulo de perpétuas indecências”?*



Figura 8 – Carta da morte do “Tarô Transumano”, arte do Ciberpajé.

**IX** – Seria a Economia, ou a *oikonomia*, o retorno à animalidade? A sociedade de consumo pode ser considerada o paradigma metafísico-político, no qual a diferença entre o homem e animal, público e privado, ser e nada, lícito e ilícito, divino e demoníaco, homossexual e heterossexual, tende a desaparecer? Onde como diria Agamben: “a demarcação física entre o homem e as outras espécies implicava zonas de indiferença nas quais não era possível definir identidades certas”. O retorno a este *Homo Ferus* é a fusão da civilização com tudo que a racionalização e a máquina social excluíram: a potência do bárbaro, o reconhecimento do escravo, a pura diferença do estrangeiro e do desconhecido, criando uma nova forma de humanidade.



Figura 9 – Arte do Ciberpajé.

X – O caminho possível para o retorno do sagrado é a *unio mystica*, onde as dicotomias desaparecerem. Como a mariposa diante da luz, que acaba sendo queimada por desconhecer até o ultimo momento o poder de aniquilamento de sua singularidade diante do Ser (Luz). Mas é preciso ter cuidado. A transfiguração deste humano, no pós-humano, em vida nua, desvelada, explicitamente colocada diante da luz, pode nos levar, como nos alerta Agamben: aos “*totalitarismos do século XX (que) constituíram verdadeiramente a outra face da ideia hegelo-kojeviana do fim da história: o homem então atingiu o seu télos histórico e não resta outra coisa – para uma humanidade que voltou a ser animal – que a despolitização das sociedades humanas, por meio da extensão incondicionada da oikonomia, ou a assunção da própria vida biológica como tarefa política (ou melhor, impolítica) suprema*”. Existe, portanto, duas opções:

“a) O homem pós-histórico não preserva mais a própria animalidade indescobível, mas busca governá-la e guardá-la consigo através da técnica; b) O homem, o pastor do ser, se apropria de sua própria latência, de sua própria animalidade, que não permanece escondida nem é feita objeto de domínio, mas pensada enquanto tal, como puro abandono.” Agamben.

